

## ONU em duas vias para o pós-2015

Por José Eli da Veiga

Um painel consultivo sobre a "Agenda pós-2015 do desenvolvimento" foi criado há 20 dias pelo secretário-geral da ONU Ban Ki-moon para remontar os Objetivos do Milênio (ODM). Sob a tutela de um triunvirato formado pelo primeiro ministro britânico e pelos presidentes da Indonésia e da Libéria, a nigeriana Amina J. Mohammed, assessora especial há três meses, orquestrará 23 personalidades, como a sul-africana Graça Machel e a brasileira Vanessa Petrelli Corrêa, presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Os termos de referência enfatizam a necessidade de intensa interlocução com o grupo de trabalho para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que só será unguído no próximo mês pela 67ª Assembleia Geral das Nações Unidas (Agnu), com 30 representantes indicados pelas suas cinco comissões regionais. Mas dão prazo bem menor para o relatório do painel: até final de junho de 2013, de modo que três meses depois suas conclusões já subsidiem os debates da 68ª Agnu sobre o tema.

Impossível saber qual será o grau de sinergia entre o painel do secretário e o GT da Assembleia. Mas com certeza o maior desafio dessas duas vias será a revisão do sétimo ODM: "Garantir a Sustentabilidade Ambiental." Provavelmente ambos preferirão adotar indicadores biofísicos discretos, como as chamadas "pegada carbono," "pegada hídrica" e "pegada nitrogênio," já que não há como obter consenso em favor de algum dos três indicadores sintéticos que mais se legitimaram nos últimos vinte anos, tese aqui discutida em 17 de julho.

Só que chamar tais indicadores de "pegada" forçosamente dá a entender que sejam filhotes da bem mais antiga e conhecida Pegada Ecológica, o indicador sintético da pressão que o consumo humano exerce sobre os ecossistemas que permite estimar déficit ou saldo positivo com relação à capacidade de regeneração da biosfera, ou "biocapacidade."

Porém, a abordagem da Pegada Ecológica sempre foi espacial: a superfície, em hectares globais, que suporta certo nível de consumo dos recursos naturais renováveis. Foi justamente essa visão de área que motivou a sugestiva imagem de "pegada." E é ela que viabiliza a persuasiva tirada sobre os quatro planetas que seriam exigidos por uma hipotética mundialização do nível de consumo dos EUA.

Não é o que ocorre com os indicadores discretos que estão sendo chamados de pegadas para se beneficiarem da imensa popularidade conquistada pela

presumida mãe. Seria bem mais apropriado chamá-los de "carga." São pesos ou volumes por ano que correspondem ao consumo de um coletivo, de um indivíduo, ou de determinado produto.

Pode variar a lista dos gases de efeito estufa incluídos no cálculo de uma pegada carbono, mas o resultado será expresso em toneladas por ano. As três pegadas hídricas (azul, verde e cinza) o são em litros ou metros cúbicos por ano. E é em quilos que está sendo calculada a bem mais recente pegada de nitrogênio reativo: [www.n-print.org](http://www.n-print.org)

Por isso, sejam quais forem os percalços da revisão do ODM ambiental, tanto na via da Agenda pós-2015, quanto na da criação dos ODS da Rio+20, com certeza será muito mais provável que as imprescindíveis novas metas desse sétimo objetivo requeiram a adoção de indicadores físicos sem conversão em área, como são essas três cargas que por razões emblemáticas estão sendo chamadas de pegadas.

O problema é que carbono, água e nitrogênio, mesmo que importantíssimos, são três dos dez vetores que mais estão contribuindo para a insustentabilidade global. Entre os demais, apenas a carga de fósforo poderá ser calculada nos moldes da recente pegada nitrogênio. Não poderão ser tratados dessa maneira problemas como os da biodiversidade, da acidificação oceânica, do ozônio estratosférico, das poluições químicas e atmosféricas, e das mudanças no uso da terra.

Para a erosão da biodiversidade há o excelente Índice Planeta Vivo (WWF) que aponta deterioração de 28% entre 1970 e 2008, essencialmente nas zonas tropicais. Na mesma linha, o recém-lançado Índice de Saúde Oceânica (OHI: [www.oceanhealthindex.org](http://www.oceanhealthindex.org)) certamente permitirá acompanhamento da acidificação. A depleção do ozônio estratosférico tem sido bem acompanhada pelo Protocolo de Montreal, "o mais bem sucedido acordo internacional de todos os tempos," segundo Kofi Annan. E para os outros três - as poluições e o uso da terra - o drama estará muito mais na adoção de metas baseadas em consenso científico do que na seleção dos melhores entre tantos indicadores disponíveis.

Claro, faltará ainda o imbróglio do oitavo ODM: "Estabelecer Parceria Mundial para o Desenvolvimento." Mas para esse objetivo a trava não está em métricas. São as circunstâncias geopolíticas que não contribuem para que a comunidade internacional se decida por efetivo combate às desigualdades. E será apenas com essa quarta folha que o trevo formado por soberania nacional, democracia política e globalização econômica poderá um dia engendrar incipiente parceria mundial pelo desenvolvimento sustentável.

**José Eli da Veiga, professor dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da USP (IRI/USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), escreve mensalmente às terças. Página web: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)**